

BARÃO DE NOVA SINTRA

JOSÉ JOAQUIM LEITE GUIMARÃES

Mais informações

Negociante no Brasil, capitalista, abastado proprietário

Nasceu na freguesia de S. João Baptista, de Pencelo, próximo de Guimarães, a 18 de Julho de 1808, faleceu no Porto a 3 de Julho de 1870.

Era filho de António José Leite de Faria, proprietário, e de sua mulher D. Custodia Maria Machado; irmão do barão da Gloria, António José Leite Guimarães.

Aos 11 anos foi para o Porto, onde esteve empregado numa casa de lãs, e seis anos depois, em 1825, embarcou para o Brasil, e empregou-se como caixeiro, numa casa de comércio de fazendas brancas no Rio de Janeiro.

Em 1831 entrou como sócio na casa comercial de Luís Joaquim Moreira & Companhia, no Rio Grande do Sul, e tendo aí tomado parte activa na luta contra o partido republicano, logo que se restabeleceu dum ferimento que recebera em combate, voltou ao Rio de Janeiro, onde se estabeleceu de sociedade com seu irmão, o barão da Gloria, sociedade que durou até 1837.

No ano seguinte ligou-se com Luís António da Silva Guimarães, e sob a firma Leite & Guimarães fundou uma nova casa comercial de fazendas por atacado, que em breve prosperou a ponto de ser uma das mais importantes da praça do Rio de Janeiro, e que em 1846 ficou toda a cargo do sócio, porque o futuro barão de Nova Sintra precisou, por motivos particulares, de ir novamente ao Rio Grande do Sul.

Em 1851 regressou à Europa, visitou a exposição universal de Londres em 1852, passou depois a Itália, percorreu a Alemanha, Suíça, Holanda, Inglaterra, Bélgica

e França, fixando a sua residência em Paris até que em 1855 regressou a Portugal.

Depois de viver perto de seis anos em Lisboa passou ao Porto, tomou conta da administração da **Companhia do Gás**, que estava seriamente comprometida e cujos créditos ele em breve restabeleceu, foi vice-presidente e **presidente da Associação comercial de beneficência do Porto**, cujos haveres aumentou extraordinariamente, e sendo encarregado de administrar o **Asilo da Mendicidade** da mesma cidade, e depois de nomeado pelo governo provedor deste estabelecimento, conseguiu à força de diligencias e de trabalhos melhora-lo e eleva-lo ao grau de prosperidade que até então nunca tivera atingido.

Na fundação de muitos bancos do Porto bem como na arrojada ideia da exposição universal que se realizou em 1865, teve boa parte o barão de Nova Sintra, que bem contra a sua vontade aceitara esse título, com que fora agraciado por decreto de 8 de Março de 1862.

Durante o tempo que exerceu o lugar de provedor do **Asilo da Mendicidade**, começou a organizar um **asilo para crianças desvalidas**, mas depois, dando mais vastidão à sua filantrópica ideia, levantou desde os alicerces no caminho do Porto para Campanhã um edifício em que estabeleceu, não só esse **asilo da infância**, mas também um outro denominado das Artes e ofícios, em que os rapazes tirados da **Casa da Correção** são empregados na aprendizagem de diferentes ofícios e em trabalhos agrícolas conforme as suas vocações e aptidões.

Anexo a esse edifício, que ficou com o nome de **Estabelecimento humanitário do Barão de Nova Cintra**, fica a **fábrica de fiação de seda**, que o mesmo titular fundou, e cujos produtos têm merecido os mais elevados prémios nas exposições em que têm sido apresentados.

Em 1866 quis o governo dar-lhe o título de visconde e chegou a ser lavrado e publicado o decreto, com a data de 11 de Dezembro de 1866, mas o honrado e modesto filantropo resignou essa nova mercê continuando somente a usar do título de barão, que já aceitara contrariado, conforme dissemos.

Casou duas vezes; a primeira em 1840 com D. Mariana de Casal Ramos, senhora brasileira que faleceu em 1845, filha de Rafael José do Casal e de sua mulher D. Maria Ramos; a segunda vez, em 5 de Janeiro de 1846, com D. Albina Augusta de Araújo, natural de Viana do Castelo, filha de Francisco Domingos de Araújo, e de sua mulher D. Isabel Joaquina de Moura.

De nenhum dos matrimónios houve descendência.